



Pesquisadores liberam mil vespas em pomares de Itapetininga, SP

Pomares do distrito do Rechã em Itapetininga (SP) receberam nesta quarta-feira (31) mil vespas da espécie *Tamarixia radiata*. Criadas em laboratório, as vespas auxiliam no controle do inseto transmissor do greening, considerada pelos agricultores como a pior doença da citricultura.

Esta foi a 17ª liberação de vespas no local. Elas ocorrem quinzenalmente por pesquisadores do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus) e da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq).

O objetivo é combater o psilídeo, transmissor do greening, doença que atinge 0,85% das árvores dos pomares da região Sul Paulista.

No distrito do Rechã, a liberação gradual de tamarixias ocorre na proporção de 400 insetos por hectare. A área foi escolhida pelos pesquisadores por causa da grande quantidade de pomares cítricos ao redor do bairro e, também, pela quantidade de plantas de murta que abrigam psilídeos no local.

Por enquanto, o projeto de criação da vespa em laboratório é experimental. As pesquisas são realizadas em áreas de 20 municípios do Estado de São Paulo, onde há baixo controle químico.

De acordo com o professor da Esalq, José Roberto Postali Parra, responsável pela pesquisa, os locais escolhidos para a liberação são aqueles onde há grande concentração de murta (planta hospedeira da bactéria do greening e também do psilídeo), pomares abandonados e orgânicos.

“São lugares com baixa utilização de produtos químicos e onde observamos um índice maior de sucesso no aumento do parasitismo, havendo ainda a possibilidade do parasitoide se dispersar para outras áreas, onde há controle químico, e aí também promover o controle do psilídeo”, afirma Parra.

Nessas regiões são liberados cerca de 12 mil parasitoides por mês, em uma taxa de aproximadamente 400 insetos por hectare. Segundo o professor, o índice de parasitismo após a liberação variou entre 50% e 70%.

Segundo o professor, as liberações da vespa em pomares abandonados e em áreas com murta, normalmente regiões urbanas, é importante porque nestes locais não existe outra forma de controle do psilídeo e se tornam fontes de infestação da praga, que acaba migrando para os pomares comerciais. “O parasitoide tem atuado impedindo a multiplicação do



inseto e sua consequente dispersão, a um baixo custo e sem riscos de contaminação ambiental”, afirma.

O greening não tem cura. Segundo o pesquisador do Fundecitrus, José Belasque Junior, a ação mais importante é a remoção das plantas doentes. “Se mantidas nos pomares, servem de fonte para a contaminação de plantas saudáveis”, afirma. A adoção de controle do inseto por meio de pulverizações também traz resultados, mas não pode ser adotada isoladamente.

“Somente as aplicações de inseticidas não são suficientes para impedir o crescimento da doença, uma vez que não é possível zerar a população do psíldeo”, afirma.